

João Caupers

Concentrado de tomate

A produção nacional de concentrado de tomate aumentou não sei quantos por cento, disse o Senhor Presidente da República, quase eufórico, no discurso do 10 de Junho. A presidencial referência teve o efeito de colocar aquele produto, muito justamente, no mesmo plano da fundação do país, dos descobrimentos, da restauração da independência e de outros acontecimentos patrióticos relevantes, se não no plano da história de Portugal, pelo menos no âmbito dos discursos presidenciais do 10 de Junho. Bom para o concentrado de tomate, esse simpático produto, outrora vendido em latinhas de folha e hoje comercializado em modernos pacotinhos de cartão.

Poderemos nós depositar as nossas esperanças no concentrado de tomate?

Porque não? Afinal, não temos grandes alternativas.

Trata-se de um produto à base de tomate e todos sabemos como o aumento de tomates pode ser relevante para os desígnios nacionais. A falta de tomates acarreta consequências imprevisíveis e tem efeitos funestos. Quanto mais tomates, quanto melhores tomates, melhor.

Depois, é um concentrado, num país que adora concentrações. Concentra-se o capital, concentra-se a administração pública na capital do país, concentra-se o poder e a riqueza nas mãos de poucos, concentram-se esforços por tudo e por nada. Por que não haveríamos de concentrar tomates?

Mas porquê privilegiar o concentrado de tomate? Afinal o Presidente também incluiu no seu discurso generosas referências às oliveiras e ao azeite, ao leite, aos produtos hortícolas, às frutas e à agricultura em geral. Cheguei a pensar que se tratava da inauguração da Feira do Ribatejo.

Mas nada tem o encanto do concentrado de tomate, presente em qualquer frigorífico português digno do seu nome. Não revela a falta de imaginação de ser

João Caupers

branco, como o leite; nem é particularmente escorregadio e propício a causar quedas, como o azeite.

O tomate é vermelho, da cor do sangue – o que abre um mundo de oportunidades de exportação para Hollywood, onde poderá assumir-se como um eficaz substituto daquele nos populares filmes de vampiros; é a cor da parte maior da bandeira nacional (e ainda tem umas folhinhas verdes, o que ajuda); e, claro, do Benfica – tudo referências positivas. Claro que também é a cor do comunismo – mas não há bela sem senão, dirão alguns, mas ainda há comunismo, perguntarão outros.

Já estou a imaginar um *slogan* para a exportação: *Portuguese are too much (tomatch, em português beirão).*

Ingenious, não?

PS: *ingenious* significa “engenhoso”, ou mesmo “genial”, e não “ingénuo”, como ouvi no telejornal de ontem.

Declaro que o texto que apresento é da minha autoria, sendo exclusivamente responsável pelo respectivo conteúdo e citações efectuadas. Aliás, duvido que outra pessoa tivesse a desfaçatez de o publicar na página da Faculdade.